

A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO PARA A TEMÁTICA DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA NA ESCOLA

Arismar Maneia (arismarmaneia12@fsjb.edu.br)

Jhonathan Justino Ravani aluno de graduação do curso Pedagogia.

RESUMO

A adolescência é uma fase na qual padrões de comportamento e valores pessoais se consolidarão para o resto da vida e em que são forjadas identidade e autonomia, muitas vezes em situação de confronto. Nessas condições, pode ocorrer uma iniciação sexual precoce, sem as devidas prevenções e cuidados, levando à gravidez indesejada. Este artigo aborda, justamente, a questão da gravidez precoce entre adolescentes, que, muitas vezes, leva ao fracasso escolar e restringe oportunidades futuras. Trata-se de uma situação preocupante do ponto de vista socioeducacional, pois há 1,3 milhão de jovens entre 15 e 17 anos que abandonaram a vida escolar sem concluir os estudos, dos quais 52% não concluíram nem o ensino fundamental – e a gravidez na adolescência é um dos fatores que levam os jovens a deixar a escola. Uma maneira de mitigar o problema está numa maior e mais efetiva participação dos pais na vida dos filhos e, também, uma educação sexual de qualidade na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência. Gravidez. Educação sexual.

1 – INTRODUÇÃO

O período conhecido como adolescência é de tal complexidade que envolve transformações de natureza psicológica, hormonal, anatômica, social, dentre outras, as quais colaboram com o processo de formação da personalidade do adulto em construção. É a partir da adolescência que padrões de comportamento e valores pessoais se solidificarão para o resto da vida. Segundo Souza (2010, p. 826), etimologicamente, “a palavra adolescência pode ser localizada no verbo *adolescere*, do latim, que significa crescer em direção à maturidade”.

É uma fase de embates pelo fato de envolver fortes contradições de caráter psicológico e social, muitas vezes manifestadas por atitudes de confrontação, rechaçando tanto os valores como as tradições e, até, as leis sociais. Tais confrontações, que nada mais são que uma maneira de tecer uma identidade e autonomia, podem conduzir o adolescente a modos de se comportar, de viver, de agir e reagir danosos à sua própria existência, deixando-os vulneráveis à iniciação no uso de entorpecentes, no alcoolismo e no sexo precoce sem as devidas prevenções e cuidados.

Para Miranda e Bouzas (2005), a gravidez é um período fisiológico na vida reprodutiva da mulher que se caracteriza por modificações físicas, psíquicas e sociais num curto espaço de tempo. Ao engravidar e se tornar mãe, a mulher vivencia momentos de dúvidas, inseguranças e medos.

Conforme Piccinini *et al.* (2008, p. 64), “Vários autores compreendem a gestação como um momento de preparação psicológica para a maternidade, no qual se está constituindo a maternidade”, sendo a gravidez um momento de importantes reestruturações na vida da mulher e nos papéis que ela exerce.

Há poucas décadas a gravidez na adolescência assumiu um viés psicossocial, pois vem em um momento inconveniente, associa-se ao fracasso escolar e restringe oportunidades futuras da mulher grávida. Nesse contexto, a gravidez pode criar situação de risco tanto para a adolescente como para sua família e sociedade, por isso, Miranda e Bouzas (2005) recomendam o investimento em programas preventivos. Godinho *et al.* (2000) apontam, justamente, a falta de programas de planejamento familiar nos serviços

públicos de saúde como fator que pode tornar propícia a gravidez indesejada, ao lado da ausência de educação sexual na escola.

2 – A EDUCAÇÃO

Mudanças na sociedade e na política educacional do país deixam claro que se vive um momento que tem levado a educação a uma grande modificação, tanto no perfil dos educadores quanto no dos educandos. A educação se faz por meio de duas instituições principais: família e escola. A primeira educação que a criança recebe ao nascer é oferecida pela família, que transmite os valores éticos e morais. Diante disso, a família é considerada como principal responsável pelo comportamento e desenvolvimento do educando, sendo seus principais referenciais em casa.

Segundo Brandão (1986, p. 7):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

Aquino (1996, p. 46) complementa, ao afirmar que:

A educação, no sentido lato, não é de responsabilidade integral da escola. Esta é tão-somente um dos eixos que compõem o processo como um todo. Entretanto, algumas funções adicionais lhe vêm sendo delegadas no decorrer do tempo, funções estas que ultrapassam o âmbito pedagógico e que implicam o (re)estabelecimento de algumas atribuições familiares.

A tarefa de educar não é exclusivamente da escola, e sim de todos os membros que formam a escola, como professores, gestores, coordenadores, funcionários, alunos, pais e comunidade, pois a educação não acontece somente no espaço escolar, já que o aluno aprende em meio à sociedade.

2.1 – O PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA

A família vem sofrendo diversas transformações ao longo dos anos, porém essas transformações, em sua maioria, vêm abalando a estrutura familiar, se desfazendo aquele antigo paradigma de família que tinha como modelo de educação a ética, a moral e os valores que eram passados para os membros pertencentes à família. Diante de várias mudanças os membros da família passam a ter diversas funções dentro da sociedade.

Hoje, os pais têm ocupado várias funções no mercado de trabalho, não tendo tempo para os filhos. Em virtude de sua carga horária os pais estão pouco presentes na educação dos filhos, não encontrando tempo para dedicar à vida escolar, deixando para outro membro da família o acompanhamento das tarefas escolares de seu filho e até mesmo a vida escolar, em outro caso deixando a educação do filho a cargo da escola. E esta, sem ter outra opção, assume essa função que era da família e perde seu foco no aprendizado do educando.

Aranha (1996) está convencida de que as funções da família vão depender do lugar que ela ocupa na organização social e na economia. Segundo ela:

[...] a família é responsável por preparar o homem para agir dentro do meio social. Até os dias de hoje é ela que transmite, avalia e interpreta a cultura para a criança, assim como proporciona a base para que os indivíduos possam desenvolver o aprendizado nas instituições educacionais.

É necessário que a família envie esforços para estar presente em todos os momentos da vida dos filhos, envolvendo-se, comprometendo-se e colaborando, de olhos e ouvidos atentos às dificuldades deles, tanto cognitivas como comportamentais, e a postos para atuar do melhor modo possível objetivando orientar os filhos.

3 – METODOLOGIA

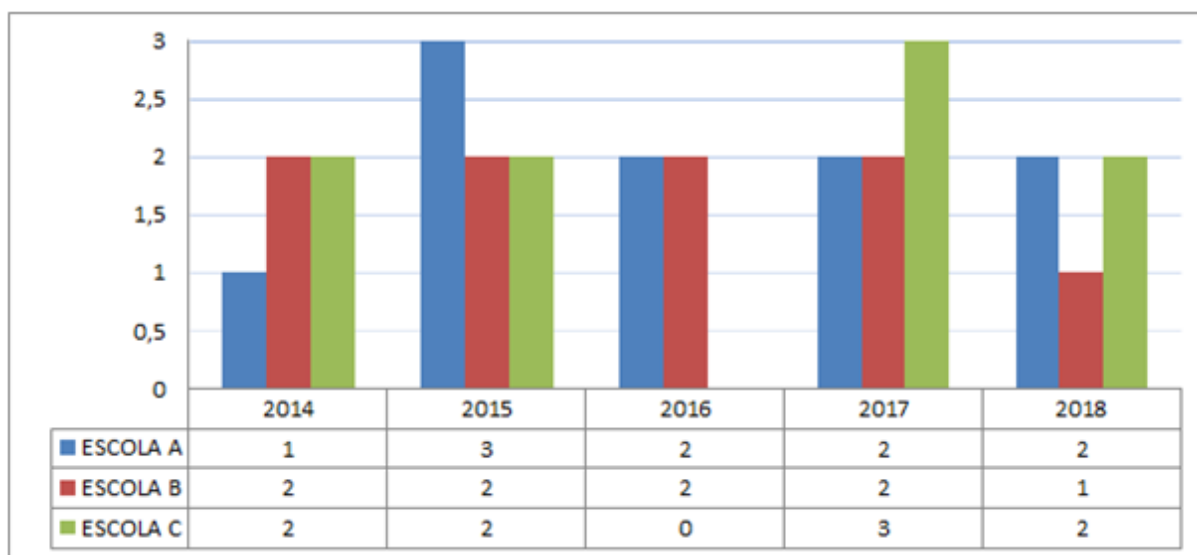
Para o levantamento de dados, esta pesquisa entrevistou três pedagogas dos anos finais do ensino fundamental de três escolas da rede pública do município de Aracruz. Podemos dizer que este artigo trata-se de um trabalho qualitativo, onde se tem por objetivo identificar o índice gravidez precoce e o papel da escola como contribuidora na não evasão. Foi desenvolvido um questionário semiestruturado com dez perguntas abertas e gravadas. Os dados obtidos foram analisados de forma descritiva e dialógica.

Para garantir a integridade dos participantes não foi revelado os nomes das escolas, alunos ou pedagogas, tratamos apenas do aspecto qualitativo da pesquisa, ou seja, somente dados pertinentes a esta pesquisa. À estas foi entregue e assinado um termo de consentimento esclarecido sobre a natureza deste artigo, explicando de forma detalhada a importância e o uso das informações adquiridas durante a entrevista no processo de desenvolvimento deste artigo.

4 - ANÁLISES DOS DADOS

A primeira questão buscou identificar se **Existem ou existiram casos de gravidez na escola** “Esse ano não detectamos nenhum caso, mas nos anos anteriores aconteceram”. Ainda afirmou que apesar de 2019 as escolas não apresentarem nenhum caso de gestação precoce, o mesmo não aconteceu nos anos anteriores.

Gráfico 1: Índices de gravidez precoce dos últimos 5 anos



Fonte: Autor.

Foi confirmado pelas pedagogas entrevistadas os seguintes casos: ESCOLA A 10 casos de sendo 1 caso em 2014, 3 casos em 2015, 2 casos em 2016, 2 casos em 2017 e 2 casos em 2018. Na ESCOLA B 9 casos nos últimos 5 anos sendo 2 casos em 2014, 2 casos em 2015, 2 casos em 2016, 2 casos em 2017 e 1 caso em 2018. Na ESCOLA C 9 casos nos últimos 5 anos sendo 2 casos em 2014, 2 casos em 2015, 3 casos em 2017 e 1 caso em 2018.

As Pedagogas entrevistadas afirmam que, todos **os casos são levados ao conhecimento dos professores e/ou da direção/secretaria de educação** “para que todos possam acompanhar bem de perto” e prosseguiu “Nós enquanto escola acompanhamos bem de perto verificamos quais são as alunas e quando tomamos conhecimento a gente acompanha nas questões das atividades, no tratamento, orientamos que elas tem que ter um acompanhamento médico, pois geralmente elas não tem esse acompanhamento em casa.”

Do seu ponto de vista, quais são as principais facilidades e dificuldades que a escola tem para lidar com a gravidez na adolescência? Todas as entrevistadas tiveram respostas similares afirmando que não existem facilidades no trato com a gravidez na adolescência ainda mais na escola. Segunda a pedagoga da ESCOLA A as dificuldades iniciam ainda na identificação, pois “as adolescentes não passam essas informações de imediato, então os murmúrios começam a se propagar e começa o trabalho de investigação. Geralmente a informação surge através de alguma colega então buscamos a aluna para verificar a veracidade da informação”.

A entrevista deu continuidade com uma provocação muito pertinente para o entendimento do ponto de vista de cada pedagoga, afinal, **De quem é a responsabilidade da gravidez na adolescência?** Todas as entrevistadas concordam que a família é a principal responsável ainda concluem que “nossos alunos vivem numa sociedade em eles querem ter liberdade em tudo o que fazem seja em casa ou na escola e a família não tem mais domínio sobre estes adolescentes. Não vejo a escola como responsável, pois estes adolescentes chegam para a gente sem limites e quando determinamos limites para o comportamento, os mesmos nos veem como carrascos”. É possível perceber através desse questionamento que, ambas pedagogas negam a responsabilidade da escola.

Após conhecer o ponto de vista de cada profissional foi possível fazer o seguinte questionamento: **“Você acha que a gravidez na adolescência é de responsabilidade do menino ou da menina?”** a primeira pedagoga entrevistada afirma que falta de responsabilidade é “de ambos por falta de informação” e a segunda completa: “mas eles são vítimas da falta de diálogo e aproximação dos responsáveis”. Como discutido anteriormente, a ausência dos pais na vida dos adolescentes tem atribuído à escola responsabilidades que anteriormente não era dela comprometendo assim seu foco no aprendizado.

As respostas apresentadas pelas pedagogas responderam também a pergunta seguinte e foram discutidas no mesmo contexto. **Você conhece os direitos da aluna que engravida?/ Você acredita que escola garante os direitos que a lei determina? Por quê?** Todas as pedagogas entrevistadas afirmaram não só conhecer, como garantem que a escola procede conforme previsto na Lei 6.202/75 garantindo que a aluna não perca nenhuma das atividades

Você acha que as alunas que engravidam sofrem algum tipo de pressão pela comunidade escolar? Qual? Por quê? A pedagoga da ESCOLA B responde que “Não. Na verdade muitas vezes temos que intervir porque os outros alunos ficam bajulando demais entende? sufocando a gestante e atrapalhando as aulas” **Os pais adolescentes têm o mesmo tratamento?** “Eu só tive um caso onde os pais acompanharam e deram todo apoio depois que o bebê nasceu. Os pais traziam a criança até a escola para que a mãe a amamentasse. Já conhecia a menina aqui na escola. Ela tinha 13 anos. Eu não posso te falar das outras, não sei, eu acredito que fica uma interrogação”.

Você acha que a escola deva acompanhar os casos de evasão, especialmente, os decorrentes de gravidez? Como? Claro. A gente tenta. Só que elas só retornam muitas vezes quando evade depois de 1 ano ou 2 anos. Elas somem! Torna a aparecer que depois que o bebê está maior. Por mais que a escola mande as atividades elas não dão retorno. A escola liga elas não dão retorno. Quando acontece de voltar elas voltam de 1 a 2 anos.

Através do mapeamento dos últimos 5 anos foi possível identificar um total de 28 casos de gravidez nas 3 escolas. Porém apenas 10% dos casos a escola conseguiu constatar a família participativa e incentivadora

na permanência da adolescente na escola. Não foi possível identificar o índice de adolescentes que evadiram da escola.

5 – CONCLUSÃO

Alguns fatores, conjugados ou não, podem conduzir a adolescente ao início precoce de sua vida sexual, o que pode expô-la à gravidez, entre os quais a ausência de apoio e compreensão da família e a falta de educação sexual na escola.

O binômio família-escola precisa tomar para si a responsabilidade de educar da forma mais completa e abrangente possível, visto que a escola tem relevante papel na construção da história de vida da adolescente, principalmente tendo em vista que a mulher nesta fase de sua existência está fortemente sujeita a engrossar as estatísticas de evasão escolar e abandono dos estudos em decorrência de uma precoce gravidez.

Assim, os pais precisam ter uma participação mais efetiva, e até mais efusiva, na vida de seus filhos e, na mesma proporção, a escola deve lançar um olhar mais preventivo sobre seus alunos adolescentes, no sentido de orientá-los para as mudanças comuns a essa fase, inclusive sobre a questão sexual.

Para isso, é necessário que haja uma educação sexual de qualidade que sirva de bússola para orientar adolescentes quanto ao seu próprio corpo e aos riscos envolvidos em uma iniciação sexual precoce sem os devidos cuidados, para que se previnam tanto as doenças sexualmente transmissíveis quanto a gravidez indesejada, com consequente evasão escolar.

6 – REFERÊNCIAS (SEGUIR A ABNT 6023)

1. AQUINO, J.G. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 13. ed. São Paulo: Summus, 1996.
2. ARANHA, M.L.A. **Filosofia da Educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.
3. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
4. BRASIL. Ministério da Saúde (BR). **Indicadores e dados básicos**: sistema de informações sobre nascidos vivos (Sinasc). Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2008.
5. GODINHO, R.A.; SCHELP, J.R.B.; PARADA, C.M.G.L.; BERTONCELLO, N.M.F.; Adolescentes e grávidas: Onde buscam apoio? **Rev. Latino-am. Enfermagem** – Ribeirão Preto – v.8 – n.2 – p. 25-32 – abril 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n2/12414.pdf>> Acesso em: 12 set. 2018.
6. MIRANDA, Ana Tereza Cavalcanti de; BOUZAS, Isabel Cristina da Silva. Gravidez. In: **A saúde de adolescentes e jovens**: competências e habilidades. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/167717598/A-saude-de-adolescentes-e-jovens-competencias-e-habilidades>>. Acesso em: 15 set. 2018.
7. PICCININI *et al.* Gestação e a constituição da maternidade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 63-72, jan./mar. 2008.
8. SOUZA, C.E.B.M. Transgressões e adolescência: individualismo, autonomia e representações identitárias. **Psicol Cienc Prof.**, 2010.